

JÚLIA

LUCIANO ZAJDSZNAJDER

Texto estabelecido
por Luiza Lobo

VOLUME 3 PROSA
OS MANUSCRITOS
DE Z.

RIO DE JANEIRO
LITCULTNET
2013

JÚLIA

LUCIANO ZAJDSZNAJDER

Ao começar a escrever as experiências mais importantes de minha vida, sei que toco em um tema que não recebe, há tempos, a consagração unânime dos que vivem neste país e nesta sociedade. Vou falar de três casamentos que tive em um espaço de tempo relativamente curto e que serviram para abrir uma cratera em minha existência, que dificilmente encontrará meios de se restabelecer dos choques a que foi submetido. Na verdade, poucos consideram, atualmente, que casamentos possam, ainda, se constituir em um importante assunto na vida de qualquer um. Talvez, estejam com a razão aqueles que afirmam que a instituição do casamento indique uma fase da vida da humanidade já inteiramente ultrapassada.

Acho um erro esta generalização. Tive nos casamentos a visão exata das atuais possibilidades humanas. Não realizo, porém, uma defesa desta instituição. Deixo o julgamento aos leitores.

Conseguiria eu tornar menos maçante do que foi na realidade o relato de meus primeiros trinta e dois anos de vida? Foi aos trinta e dois anos que reencontrei Júlia, minha amiga de infância, depois de vinte anos em que nada soubemos um do outro. Casamo-nos oito meses depois do encontro, que se deu no Bob's do Avenida Central. Ela estava na fila, à minha frente e, diante do caixa, hesitou entre um sanduíche de pernil e o hamburgão. Soprei-lhe no ouvido a minha sugestão e daí a minutos estávamos, os dois, com os lábios lambuzados de molho. Que importa a sugestão que fiz? Muito menos importante para esclarecer a minha vida é saber a razão, provavelmente insondável, de ter eu dado uma sugestão. Nunca fizera antes e jamais o fiz depois. Não me intrometo nas refeições rápidas de quem quer que seja.

Nossa primeira troca de palavras, depois dos vinte anos, realmente não houve. Reconhecemo-nos simultaneamente e íamos dizer o nome um do outro, mas educadamente mantivemos a boca fechada, já que continham porções razoáveis do

sanduíche escolhido. Fui o primeiro a engolir e gritei: Júlia. Ela tentou engolir rapidamente e quase se engasgou. Tomou um gole de coca-cola e, também, gritou: Mac Arthur.

Abraçamo-nos, admirados com os vinte anos que se interpunham entre nós.

Mac Arthur é, como se pode ver, o meu nome. Mac Arthur Oliviano. Doutor Oliviano, no meu trabalho, Mac ou Arthur para as mulheres e Macky para os mais íntimos. Meu nome foi dado em homenagem ao grande militar americano que se destacou nas lutas do Pacífico, na segunda guerra, e que quase conseguiu iniciar a terceira guerra mundial, na Coreia. Papai, que recebeu no batismo o nome de Julio César, sempre gostou dos militares, tendo passado grande parte de sua vida a lamentar-se por não ter entrado no exército. Aplaudiu a revolução de 64 e, apenas, começou a tornar-se um pouco crítico, quando meu irmão, Augusto César, que hoje se encontra internado em um hospício, foi preso e espancado.

Não fossem os três casamentos, cuja história irei relatar, seria uma pessoa bastante comum. Fui uma pessoa comum por trinta e dois anos. Talvez, um pouco incomum, por não ter casado antes dos trinta anos. Tive, porém, minhas razões e acho que qualquer um aprovaria meus motivos.

Meu irmão Augusto César foi internado aos vinte e três anos. Eu sou dois anos mais velho do que ele e a declaração definitiva de sua insanidade desequilibrou a confiança que eu sentia na vida. Os sete anos seguintes eu os passei suspeitando que a loucura, também, me poderia atingir e, assim, ia tomando os devidos cuidados. Fugia dos tormentos, dos amores complicados, dos desafios, das conversas mais profundas e de tudo o que poderia ser o primeiro degrau da loucura.

Pode a fuga da loucura tornar-se o sinal da própria? Apenas, o fato de que dela consegui livrar-me permite que seja feita por mim tal pergunta. Reconheço que, ao fugir, ao evitá-la, dela me aproximei perigosamente. Examinava, todas as manhãs, nestes anos todos, as ideias que ocupavam a minha mente, para verificar se entre elas não se intrometera alguma ideia pouco confiável e que em pouco tempo levaria todas as outras a situações e locais indevidos. Uma dessas ideias que me atormentou por muitos anos foi de largar o meu trabalho e a minha profissão. Sou, ou melhor, fui advogado.

Fui estudar direito como um ato natural, que posso hoje comparar à condição de uma tábua em um rio caudaloso: é levada pelas águas, não lhe restando outra alternativa, a não ser que fique presa a um banco de areia. Talvez, eu tivesse uma ideia incorreta do que era o estudo do direito e a prática profissional que se lhe seguia. Pretendia ser juiz. Não tinha a respeito qualquer ideia salomônica ou heróica. Apenas, não me sentia bom como defensor ou como acusador. Além disso, distribuir a justiça sempre me parecera uma tarefa bastante agradável.

Não me tornei juiz. Depois de oito anos de formado, abandonei a profissão e comecei a trabalhar como analista de investimentos no banco que tinha em meu pai seu diretor administrativo. Reconheço que sou um privilegiado neste trabalho. Tenho horário, mas não sou obrigado a respeitá-lo. Meu chefe, que é diretor, sabedor do fato de que minha relação emocional com o trabalho, alterna entre o amor mais intenso e o ódio mais incontrolável, passa-me uma quantidade razoável de serviço, findo o qual, sou livre para desaparecer por alguns dias, sem ter que fazer qualquer solicitação ou prestar contas.

Reconheço que esta é uma situação rara e sei que sou objeto de inveja ou de desprezo dentro do banco, mas pouco me importa. Como advogado fui capaz de ganhar a vida suficientemente, de modo que sou, hoje, proprietário de valores mobiliários e de alguns imóveis – alguns herdados, também – e o dinheiro não constitui, realmente, uma preocupação maior. Admito que este fato estará muito longe de constituir para o leitor um motivo de identificação. Entretanto, quando souber que a preocupação com sustento não me torna mais feliz do que qualquer mortal e que não sei, realmente, o que fazer com os numerosos momentos livres de minha vida, verá em mim um irmão no plano dos sofrimentos.

Se eu fosse um artista, um dom Juan ou um homem do poder, teria a minha vida uma oportunidade de realização. Entretanto, meus dotes artísticos são quase nulos, minha capacidade de seduzir inexistente, não tendo qualquer vocação política. Não afirmo isto como uma declaração desapaixonada sobre o meu desvalor. Tenho provas suficientes a este respeito e poderia relatar histórias que comprovam suficientemente.

Bastará um exemplo? Durante muitos anos – exatamente seis – tive o que, dificilmente, definiria como namoradas ou amantes. Melhor seria chamá-las de relações

insatisfatórias. Foram duas, com a Maria Lúcia e com a Socorro. Não conseguia tornar as minhas relações com estas mulheres em algo diferente do indefinível. Não havia a intensidade de encantamento para nos tornar namorados, nem pujança de atração, para nos fazer amantes. Acho que sou um pouco duro comigo e com elas, ao dizer que estávamos, de fato, encalhados um no outro. Tentei, inutilmente, por anos, conhecer alguém que me tocasse profundamente. Tenho certeza de que elas fizeram o mesmo, também sem sucesso. E, também, é minha convicção que as partilhava com algum outro homem que padecia de igual estado sentimental geral.

Não sei se consigo transmitir, com fidelidade, ao leitor a natureza do que, por anos, acontecia entre mim e Maria Lúcia ou Socorro. É importante esclarecer que nenhuma conhecia ou jamais ouviu falar da outra. De fato, nossas relações não eram, em geral, públicas e raramente íamos a restaurantes ou cinemas ou festas. Provavelmente, elas, como eu, iam a estes lugares com outros ou a fim de ampliar o seu círculo de relações amorosas. Com pouco sucesso, pelo visto. Também, não era uma relação contínua. Sumíamos, para, de tempos em tempos, retornarmos, a partir de um telefonema inesperado, no qual não se confessava a solidão ou a carência sexual insustentável.

Acho que com estas informações, o leitor já tem alguma ideia de quem eu seja, e podemos retornar a Júlia no Bob's, mastigando aquele tipo de sanduíche, que mal resiste aos dentes e dissolve-se, facilmente, na boca. Júlia tornou-se uma mulher bonita. O rosto é bem feito, especialmente o nariz e os lábios. Seus olhos, eu os conhecia bem. Foram realmente eles que me permitiram o reconhecimento. O corpo deixava a desejar, porém, era um pouco largo, o que a tornava pesada. Seus seios eram grandes – o que constituía uma vantagem – embora fosse destituída de qualquer acentuação traseira – o que, para mim, assinalava uma séria desvantagem.

Mas não estou aqui para realizar avaliações sobre o físico de Júlia ou de qualquer outra mulher. Estas considerações servem para auxiliar na visualização daquela que iria tornar-se minha primeira esposa e para imaginar o que seria possível e impossível entre nós. Sem dúvida, vejo-me obrigado, neste capítulo dos atributos físicos, tentar traçar alguma imagem de minhas próprias características. Sei que muitos se sentiriam tentados a se iludir a este respeito, apresentando-se melhor do que na realidade. Especialmente nesta nossa época em que tanta atenção é dada ao corpo, admitir que

se possui um corpo mal tratado indicaria uma atitude relapsa e de autodesvalorização digna de críticas e de restrições. Além disso, seria importante distinguir o estado em que, hoje, se encontra o meu corpo – depois dos três casamentos que abalaram minha vida – e aquele que Júlia reencontrou.

Não posso dizer que o homem que Júlia tinha diante de si era atlético. Faltava-lhe uma musculatura rígida a cobrir uma quantidade suficiente de ossos, pois sua altura quase atingia o marco de um metro e oitenta. Um pouco recurvado, poderia ter corrigido este defeito se tivesse feito algum esforço. Entretanto, abominava os esportes e especialmente a ginástica. No entanto, olhando sem muita atenção, parecia uma pessoa espadaúda e forte. Um pouco mais de atenção mostraria o erro de avaliação. Nesta quantidade de carne e esqueleto não emanava uma intensidade proporcional de energia.

Tenho agora, diante de meu rosto, um espelho, por intermédio do qual tentarei transmitir, com alguma fidelidade, o que vem a ser este rosto. Um autorretrato? Perguntarão. De maneira alguma. Invoco a autoridade de conhecedores da natureza humana que, não poucas vezes, afirmaram que o homem não é capaz de descrever, de memória, o seu próprio rosto. Assim, por onde começar? Meus olhos são negros e tenho sobancelhas espessas. A minha testa possui vincos profundos e tenho um nariz fino, talvez um pouco mais longo do que pediria o tamanho de meu rosto. Meus lábios são finos, devendo eu confessar que os preferiria carnudos. Quando fecho os olhos e tento recordar o meu rosto, quem aparece é o meu irmão mais velho, o Winston, acerca de quem não disse ainda uma linha. Posso explicar isto porque cada dia percebo mais e melhor que, de todos nós, Winston foi o que melhor realizou o que o mundo parecia ter preparado para nós. Ele é um empresário da construção civil muito bem sucedido, tendo feito bastante dinheiro com as moradias de classe média alta e com as casas populares. Soube, há tempo, sair do setor habitacional e tornar-se exportador. Aí, também, acumulou uma massa enorme de dinheiro e, agora, já começa a interessar-se pela política, e, em breve, talvez, venha ser um de nossos deputados mais votados. Um irmão e tanto, que tem exatamente o que não tenho: um nariz perfeito e lábios sensuais e carnudos. Já ouvi dizer que os seus beijos são inesquecíveis de tão intensos, e sua mulher, Olga, vive a vigiá-lo, porque em qualquer lugar que vá, os seres do sexo

feminino esquecem do que fazem ou perdem o rumo e parecem só ter uma coisa na cabeça: Winston. Procuro esquecê-lo, porque a sua presença me é insuportável, acentuando, aos meus olhos, o que não sou ou o que não consegui ser. E me pergunto: por que em minha família o sucesso concentrou-se tão intensamente em Winston? Augusto César, como já disse, encontra-se internado no hospício (ia dizer sanatório ou hospital de doentes mentais, mas resolvi dizer hospício, porque é isto mesmo). E há, ainda a pobre da Denise. Ela tem, hoje, trinta anos, e até que é bonita e atraente, mas até quando? É uma pobre coitada, que acredita em tudo o que os homens lhe dizem e que vive metendo-se em situações complicadas.

E o que me falta? Tenho, sem dúvida, mais juízo do que Denise. Mas não possuo a vocação para o sucesso de Winston. E, felizmente, a insanidade nunca se abateu sobre mim como fez com o Augusto César. Sou o lugar geométrico, onde se encontram as forças negativas e positivas de minha família, e isto me torna sem definição, realmente um vazio. Às vezes, penso que não tenho de fato uma personalidade ou, talvez, uma definição acabada do que seja o que desejo, o que pretendo. Entretanto, no espelho, o meu rosto não retrata isto. Acho que o espelho pouco ou nada me diz. Acho que o espelho, apenas, me diz: o que vai ser de você, Mac Arthur?

Quem está escrevendo é realmente um desesperançado, que chegou aos limites do possível em relação ao seu coração. Não era o mesmo Mac Arthur que estava diante de Júlia, no Bob's da Avenida Central, naquele princípio de tarde sombria de março de 1976. Aquele, ainda, acreditava em muitas coisas e não tinha razões para descreer. Ou melhor, não tinha, ainda, razões suficientes para descreer.

Que Júlia encontrei? Custei a descobrir. Era uma mulher da minha idade, mas que a vida já tinha feito pagar pesados juros, na forma de várias esperanças cruamente desfeitas. Ela estava sorridente ao meu lado, depois de não termos nos desembaraçado daquela meleira toda dos molhos do sanduíche e caminhávamos pela Avenida Rio Branco, eu na direção do banco, e ela na direção do escritório central de sua fábrica de tintas. Júlia havia se tornado uma química.

Alguns homens olhavam para Júlia no caminho, o que seria de esperar, pois ela é uma mulher atraente. Não devo, porém, permitir que se guarde qualquer ilusão a seu

respeito. Ela agiu criminosamente em relação a mim, sendo, com muita possibilidade, responsável por um envenenamento que quase me matou.

Não estou escrevendo nenhum romance de suspense, em que é importante que o assassino apareça como inocente por grande número de páginas, para que, na descoberta do verdadeiro criminoso, o leitor possa surpreender-se ou congratular-se com sua perspicácia por já ter descoberto antes. É altamente provável que ela tenha tentado me assassinar, depois de cerca de dois anos de casamento. Entretanto, existe o atenuante de que foi parar comigo no hospital, vítima da mesma substância.

Tentou ou não matar-me? E, ao fazê-lo, envenenou-se propositada ou acidentalmente? Inocente ela realmente não foi. Não saberei nunca o quão culpada ela foi. Quando saímos do hospital, fui procurado por seu pai, que pediu que tudo fosse esquecido. Alegava que fora um acidente e que sempre achara que a filha nunca deveria ter se metido com as coisas em que se envolvera. E pagou para que eu esquecesse tudo. Na separação, deu-me um sítio no Recreio dos Bandeirantes, em que estou escrevendo estas linhas e no qual passou-se muito do que vou contar.

Aceitei o sítio de raiva e como recordação. Certamente, uma pessoa de minha formação, recusaria esta forma óbvia de suborno. Vista, porém, como uma compensação por perdas e danos, poderia torna-se aceitável. Além disso, o temor do pai de Júlia – de que eu poderia processá-la, incriminando-a – era sem fundamento. Não tinha a intenção de ir à justiça e já considerava o seu próprio envenenamento como uma punição suficiente.

Como se pode ver, tenho tanta coisa a contar que percebo que estas linhas estão se mostrando como uma verdadeira caixa de surpresas. Se o meu estado interior não é dos melhores, se a minha aparência deixa a desejar, ao menos o ambiente, em torno, é agradável. O sítio é coalhado de árvores bastante frondosas e tem muitas frutíferas. O lugar tem, sem dúvida, um encanto, pois, antes de pertencer a Júlia, fora de uma tia que, por mais de vinte anos, cuidara de tudo com atenção e carinho. Certamente, há alguns poucos aspectos negativos: os mosquitos, que, ao anoitecer, atacam sem piedade; os assaltos que ocorrem com certa frequência nas vizinhanças; e os roubos de casas. Felizmente, a minha nunca foi penetrada. Há, ainda, o roubo de fios de

telefone, que interrompem as comunicações com grande frequência. Fora isto, o local beira a perfeição.

Foi neste sítio que estive com Júlia, pela segunda vez, depois do encontro na cidade, quando fiquei com o seu telefone. Liguei para ela diversas vezes, tentando vê-la de novo. Devo confessar que fiquei muito alvoroçado, chegando até a sonhar com ela. Não consegui encontrá-la em casa e não quis ligar para o seu trabalho. Sei que era uma atitude idiota essa de não ir até o catálogo, procurar o telefone e ligar para ela. Na verdade, achei no catálogo o número da fábrica de tintas, e todo dia prometia-me que iria tocar para ela, sem fazê-lo.

Fiquei certo de que ela tinha um caso com alguém, porque só isto poderia explicar que não estava em casa nenhuma noite. Júlia aparecia-me, agora, como uma mulher interessante e até um tanto misteriosa. Para mim, que só a conhecia como menina, a surpresa era grande. Além disso, ela parecia mais dona de sua vida do que eu era da minha. Eu estava acostumado com minhas mulheres inseguras e que tinham de si mesmas um conceito não muito animador. Até acho engraçado que me considerasse falante e articulado, quando basta encontrar uma pessoa mais segura do que eu, para me enroscar em mim mesmo e entrar num silêncio constrangedor e numa espécie de paralisia de ser.

Na meia hora, ou menos, em que fiquei com Júlia na rua, depois do encontro da fila do Bob's, vi que ela era, como direi, uma pessoa cortante. Quando lhe contei que tinha abandonado a advocacia, ela disse que tinha a certeza de que eu havia me decidido por esta profissão sem consultar direito o que eu pretendia. Falei que Augusto César tinha ficado maluco e ela falou que achava que muitos loucos são, nada mais, do que covardes que estão fugindo da vida. Disse, também, que havia uma grande carência de homens com coragem e disposição.

Júlia, como se pode ver, não é o que poderíamos chamar de uma mulher doce. No entanto, a sua maneira cortante não deixa de ser atraente e mesmo sensual. E foi assim que ela apareceu no sonho que mencionei acima. Este sonho, eu o tive no dia em que, finalmente, consegui falar com ela. Foi numa quinta-feira, recordo-me bem e, então, é certo que nos encontramos na segunda. Não me recordo muito bem, porque, ao contrário do que vi muitos casais fazerem, este nosso encontro nunca se tornou

objeto de conversa, comemoração ou mitificação. Quis torná-lo assim, mas Júlia nunca deu a ele a importância que, no meu entender, ele merecia. À nossa convivência na infância e no começo da adolescência ela dava importância, mas de um modo diferente do meu.

Não sei o que dizer do sonho. Acho que todos admitirão que ele é premonitório. Acho que deve ter sido o efeito de choque da conversa que tive com ela. Mais outra vez eu tinha ligado para ela, depois do jantar, e ninguém atendia. Resolvi insistir e finalmente ouvi a voz de Júlia. Era uma voz abafada, porém, e ela disse que não podia falar direito, depois de ter demorado algum tempo a lembrar-se de quem eu era. Isto me feriu um bocado e fiquei com vontade de desligar, e nem precisei fazer, porque ela disse que não podia falar mais, pedindo o telefone do meu trabalho para me procurar no dia seguinte.

Chateado, confuso e machucado, recoloquei o telefone não gancho com raiva de tê-la reencontrado. Minha vontade era de sair, fazer alguma coisa para esquecê-la. Passou pela minha cabeça ligar para a Socorro, mas, ao pensar na diferença entre ela e Júlia, desisti imediatamente. Liguei a televisão e achei que tudo parecia mais idiota do que o costumeiro. Acabei na cozinha, onde me servi, novamente, da lasanha que a empregada deixara pronta. Empanturrei-me e logo depois fui deitar. Pra quê? Meu Deus. Não sou dado a pesadelos e mesmo os sonhos que tenho são muito ligeiros e quase não me lembro de grande coisa. Desta vez, foi uma coisa horrível, que me fez acordar às quatro e tanto da manhã, sentindo-me sufocado, quase a morrer. E quem me tira o ar era simplesmente Júlia, que tinha enroscado em meu pescoço um grosso fio de nylon, do qual uma das pontas estava amarrada na maçaneta da porta do quarto e a outra ela puxava com toda força.

Do resto do sonho eu mal me lembro, embora depois de me sentir melhor tivesse feito um esforço para recordar-me. Fui dormir de novo e custei um pouco a pegar no sono. Como já disse, não sou assim dado a sonhos ou pesadelos, mas este, não somente resultou em grande mal-estar, como também levou-me a interrogar sobre o seu sentido. A princípio não tive muita certeza de que era Júlia mesmo no sonho. Ela aparecia sem roupa e eu não a vira nem de biquíni, embora quando éramos crianças eu a vira nua e até em condições sobre as quais não me poderei furtar de revelar. Achei

que era mesmo Júlia e então fiquei mais espantado com a maneira fria e indiferente como tentara me estrangular. Ela puxava o fio de nylon com força, mas o seu rosto estava tranquilo e nos seus olhos não havia raiva. Acho que era uma expressão idêntica à de uma pessoa que está fazendo a ponta do lápis.

Quando comecei a ligar o sonho à raiva que senti dela antes de ir dormir, peguei no sono, que desta vez foi pesado e sem sonho. Acordei tarde – deviam ser umas dez horas – e fui correndo ao trabalho, pois havia muitas coisas a fazer. Almocei correndo e passei a tarde às voltas com uns estudos sobre a indústria pesqueira, inteiramente esquecido de Júlia. Quando me interrompi para um café é que me lembrei dela e fiquei satisfeito por estar livre. Foi nesta hora que ela telefonou. Pediu desculpas pela maneira como me atendera à noite, não dando, porém, qualquer explicação. Falava com suavidade e eu reconstituí um pouco o que estava sentindo por ela. Perguntou o que eu iria fazer no sábado à noite e convidou-me para uma reunião em seu sítio no Recreio. Contou-me, então, que o sítio fora uma herança de uma irmã de sua mãe que o herdara, por sua vez, de um padrinho. Desta tia eu me lembrava, pois costumava tomar conta de nós – de mim e de Júlia – nas noites em que passava em sua casa, estudando ou brincando. Era a tia Olívia, que, há vinte anos, já tinha passado dos cinquenta e andava pela casa arrastando os chinelos como se fosse duas ou mais décadas mais velha ainda. Ela não nos azucrinava nem ficava vigiando. Deixava-nos a sós e só aparecia quando era hora de dormir e, muito raramente, para ver o que estávamos fazendo. Havia, na casa de Júlia, um clima muito mais liberal que na minha e de fato eu gostava de ir lá, tendo ficado muito triste quando o pai dela foi para São Paulo, levando a família.

Fiz um grande esforço na noite de sexta para não ficar contando as horas até o momento de rever Júlia. Nestas circunstâncias tão raras em que eu ia encontrar uma pessoa que me abalava tanto, eu sentia a minha vida como se fosse uma corrente que se escoava até uma grande cratera onde se iria perder: todo o percurso passava a ser feito em função desta cratera e o que esta significava não era possível dizer.

Esta situação angustiante ocorreu-me duas vezes nos anos que antecederam o meu encontro com Júlia e eu sentia quanto me propiciavam. Preciso relatá-las, para que o leitor não saiba que estou exagerando quando disse que precisava tomar algumas

providências enquanto esperava a hora de partir para o sítio de Júlia. E as providências foram um planejamento completo de todas as minhas atividades: veria televisão das oito às onze na sexta, indo dormir logo depois e, para acordar o mais tarde possível, tomaria um comprimido de um tranquilizante; ir à praia, ficando até o mais tarde possível; almoçar fora e voltar no fim da tarde para casa e dormir mais um pouco; partir às oito da noite para o Recreio. As coisas não ocorreram exatamente assim, mas pude evitar a ansiedade razoavelmente.

Disse que três vezes eu esperei angustiado e cheguei a pensar nisso quando estava deitado na praia. Não tinha encontrado as pessoas conhecidas para um papo e então decidi lambuzar-me de óleo e estender-me ao sol. Pensei que não deveria [pensar] acerca dos três casos, pois isto me traria amargura, mas não consegui evitar. De fato, considerava que estes acontecimentos eram sinais inequívocos de que a minha vida não encontraria um caminho de acertos.

Havia na minha turma de direito da PUC uma menina cuja beleza, inteligência e simpatia deixaram-me transtornado desde o primeiro momento em que a vi, pois, ao mesmo tempo em que me sentia atraído, entendia que seria impossível tê-la para mim. Seu nome era Regina Contrado. E era muito difícil aproximar-me dela, pois estava sempre cercada pelos rapazes da turma, que deveriam estar duplamente interessados nela. Não só por sua figura, mas também, devido ao fato de que seu pai era um dos advogados mais conhecidos da cidade e possuía um escritório poderoso e muito movimentado. Levei algum tempo até conseguir conversar com ela e achei que ela, também, tinha gostado de mim. Havia, entretanto, uma séria dificuldade: ela adorava o direito e eu não conseguia achar o curso interessante. Pensei até em estudar mais direito para conversar com ela, mas não consegui. Isto não impediu que depois de algum tempo encontrássemos alguns assuntos de interesse comum, como o cinema, a política – ela adorava o Lacerda – e a poesia de Cecília Meireles. Passei com ela alguns momentos – não muito demorados – no jardim da PUC, conversando. Os momentos sempre eram breves, porque ela me era roubada por alguma aula de direito ou pior. Não sei se ela reparava, mas eu mal conseguia prestar atenção na própria conversa ou no livro de Cecília Meireles que eu carregava, apenas para poder falar com

Regina. Ficava loucamente atraído por seus braços ou tentava ver os seus seios ou ainda olhava com o rabo de olho para as suas pernas.

Passaram-se dois anos e, para minha surpresa, nenhum dos rapazes, mais esbeltos e espertos, da turma conseguiu nada com Regina. Não sei explicar a razão. Acho que eles, em geral, se sentiam menos inteligentes do que ela, que aprendia tudo com uma facilidade espantosa. Mulheres inteligentes nunca me causaram muitos problemas e o que me assusta é uma mulher esperta. Regina não parecia, realmente, esperta, mas estudiosa e muito aguda e eu vi, não poucas vezes, aqueles rapazes gaguejando na frente dela, inseguros de seu próprio saber. Agora que ela não ficava tão assediada, eu podia estar com ela sem outro rival a não ser o direto. Chegamos a sair algumas vezes, mas sempre de um modo rápido ou com outras pessoas. Ela parecia desinteressada por qualquer coisa no plano afetivo.

Agora que os conhecia melhor, não me intimidavam com os músculos e o seus rostos geométricos e, portanto, másculos. Eu gostaria de esmagá-los com a inteligência, mas raramente davam-me atenção e nem ouviam os meus argumentos. Desta forma, o prazer de ver Regina entortar-lhes os argumentos era redobrado.

Eu tentava falar-lhe sobre sentimentos, mas não encontrava qualquer ressonância. Ela estava, cada dia mais atraente, sensual e amorável, mas ao mesmo tempo, completamente indiferente a qualquer assédio. Às vezes, durante a conversa, eu colocava a mão em sua perna, para frisar algum argumento, e ela ali a deixava, sem fazer qualquer gesto de rejeição ou mencioná-lo. Uma vez cheguei a abraçá-la com ardor para cumprimentá-la por uma exposição em aula e consegui, assim, tocar os seus seios com o meu corpo. Fiz de um modo tão óbvio que pensei que ela iria me repelir, o que não aconteceu. Ela parecia ter uma capacidade de transformar – ou melhor, tinha a capacidade – de transformar intenções imorais em afetos inocentes.

Falei em intenções imorais e estou certo de que devo ter chocado os meus leitores mais críticos e mais atentos. Afinal, distinguir o moral do imoral no plano da relação [de] sexo tornou-se uma questão indecível, e mesmo absurda e ociosa. Seria demais esperar que um autor como eu tivesse superado qualquer tipo de preconceito na área carnal – e eis-me a falar de intenções imorais. Pois bem, vou explicar melhor e todos, acredito, não apenas me entenderão como ainda me darão razão.

Não sei realmente quem era mais imoral, se ela ou eu. Ela fingia – e hoje estou certo disso – ignorar o que eu tornava óbvio a todo momento: que a desejava a mais não poder. Nunca tive coragem de agarrá-la e sapecar-lhe um beijo, mas tenho a certeza de que ela teria encarado isto como se fosse algum tipo de cumprimento sem qualquer sentido sexual. Desta forma foi crescendo em mim algum tipo de desprezo que se manifestava de uma forma que todos considerariam vergonhosa: às vezes, por exemplo, eu ficava por quase meia hora com a mão sobre a sua perna e nem eu a retirava nem ela solicitava que eu fizesse isto ou demonstrava qualquer desconforto. Uma vez cheguei a ler-lhe mais da metade do *Cancioneiro da inconfidência*, de Cecília Meireles, com o braço roçando o bico de seu seio direito, sem que Regina esboçasse qualquer reação. Eu achava que ela não possuía a região do cérebro correspondente aos estímulos sexuais ou então tinha sofrido uma castração psicológica. E todos estes meus truques imorais não surtiam efeito e apenas serviam para aumentar minha frustração ou minha carência. Acho que o extremo de tudo isto foi a viagem que fizemos da Gávea até a cidade em um ônibus que estava tão apinhado que ficamos com os nossos corpos colados por quase meia hora. Conversamos sobre o filme do Antonioni – não me lembro qual, acho que foi *O Eclipse*. Ela falava como se nada estivesse acontecendo e mesmo continuou com o seu corpo junto ao meu, quando alguns passageiros haviam descido e o espaço era maior. Achei que ela mostrava de modo indireto que finalmente estava realmente interessada em mim. Depois de descermos do ônibus – estávamos indo ao foro – algumas vezes nos tocamos desta forma acidental e tudo parecia tornar claro que finalmente ela me aceitava. A minha convicção firmou-se, ou melhor, cimentou-se quando ela me convidou para ir à sua casa dali a dois dias, ou seja, no sábado à noite, dizendo que os seus pais iriam viajar e pediu que trouxesse alguma bebida.

Eu já tinha estado inúmeras vezes no casarão da rua Mariana em que Regina morava apenas com seus pais, pois era filha única. Eles possuíam muitos empregados que, à noite, após os trabalhos, recolhiam-se em duas pequenas casas no fundo do quintal e o casarão ficava inteiramente vazio. E foi sonhando em encontrá-la a sós nesta enorme casa que passei toda a sexta-feira e o sábado. Pensava em trazer

alguma garrafa de vinho, de modo que nós dois ficássemos embriagados e tudo que eu tentara até aquele dia finalmente se tornasse realidade.

Não posso sequer comparar a excitação e o alvoroço que senti naqueles dias com o que tentei evitar, oito ou nove anos depois, em relação a Júlia. Para ver se me acalmava, tomava banho de hora em hora, e como ouvira dizer que o mate reduz o ímpeto sexual mandei a empregada fazer uns cinco litros, que tomei numa manhã e numa tarde. Foi inútil. Eu estava tão obsedado que qualquer telefonema fazia-me pensar que era ela e o mesmo efeito tinham as figuras femininas ao longe: todas possuíam a sua silhueta.

Passei em claro a noite de sexta para sábado e pela manhã eu parecia um morto-vivo porque andara pela casa sem parar, saíra à rua e até acabara no antigo Lamas do Largo do Machado. Devia já ter dito antes, mas aproveitei essa ocasião para contar que morava com meus pais em uma casa na rua Alice, em Laranjeiras. Não pensem que era uma casa simples: tinha os seus luxos, mas estava longe da imponência e dos jardins imensos da casa de Regina. Quando eu era dado a estes estados de excitação menos controlável, às vezes, mesmo à noite, subia a rua Alice até Santa Teresa ou, então, ia até o Largo do Machado, sempre a pé, e me deixava estar no Lamas.

Eu não ia ao Lamas por qualquer razão boêmia. Apenas para ver se segurava um pouco o meu estado delirante. Pedia chá com torradas e ficava tentando controlar meus pensamentos, que corriam de um modo desenfreado. Lá no Lamas, encontrei o único advogado com quem mantinha uma conversa sobre assuntos jurídicos. Era o Estevão, que estava por lá todas as madrugadas e que era monstruosamente interessado pelos assuntos criminais, embora – essa a sua frustração – trabalhasse em uma repartição pública – o que chamava de meras questões de direito administrativo. Ele sabia que eu estudava direito e tentava convencer-me a ser um criminalista, ideia que eu rejeitava porque estava certo de que nunca me sentiria bem em prisões, diante de criminosos ou assistindo a exumações de cadáveres. Com Estevão acontecia o contrário, sentia-se em seu elemento e frequentemente escapava da repartição para assistir a júris e funerais, para presenciar exumações e conversar com criminosos ou, ainda, entrevistar a família das vítimas. Eu lhe perguntava por que não se dedicava a este ramo do direito

e ele me dizia que lhe interessava o crime em si e que, se viesse a se tornar um advogado criminal, acabaria achando tudo muito rotineiro e chato.

Todos tenderão a pensar que este tipo de obsessão acaba com consequências funestas. E acho que assim terminou. Ouvi dizer – não tenho realmente certeza – que num desses seus movimentos de curiosidade, Estevão envolvera-se com uma quadrilha que, acreditando que ele tinha informações que não deveriam ser divulgadas, mataram-no. Não estou certo porque quem me contou era amigo de outro advogado que de vez em quando aparecia no Lamas com Estevão e ouvira a história de outra pessoa.

Para o caso, não importa, porém, o destino de Estevão. O que me levou a fazer esta referência foi o que ele me contou naquela noite. Um estudante de direito fora encontrado morto nas matas da Tijuca, com duas balas na cabeça, os olhos furados e o sexo extirpado. Estevão vira o cadáver e descreveu-o em detalhe, do que pouparei o leitor. Este era, sem dúvida, um dos momentos menos agradáveis de conversar com o Estevão e, se lhe pedisse para omitir tais descrições, diria que contava tudo ou não contava nada. Tive, então, de ouvir sobre o estado do corpo, a respeito do qual Estevão não se alongou. A história parecia um mistério. Na polícia acreditava-se que tinha sido assaltado por alguém bastante perturbado, pois tinham sido tirados o dinheiro e documentos. Havia, ainda, a história de vingança. O morto morava em uma vila no bairro do Rocha e na casa do lado havia uma moça por quem ele ficara profundamente atraído. No bairro, havia muitos outros que, como ele, tentavam alguma coisa com a moça, sem resultados. A recusa tivera o efeito de aumentar-lhe a paixão e levava-o a fazer a loucura de uma noite pular o muro e ir postar-se diante do quarto dela, sem, no entanto, invadi-lo. Infelizmente, foi visto pelo pai da moça, que, acordando com cólicas, fora à cozinha tomar um remédio. Todos foram acordados, e o rapaz teve de passar a vergonha de ser visto por toda a vila.

Se havia uma história que eu não devia (precisaria) ouvir naquela noite era exatamente esta. Mas Estevão começou a especular sobre o possível criminoso – um de seus momentos de maior brilho e que lhe trazia um imenso prazer. Comecei a entregar-me aos meus pensamentos e dei-lhe reduzida atenção. Ele percebeu o meu desinteresse e encurtou a conversa e logo se despediu. Fiquei mais alguns momentos

na mesa, o bastante para cair em uma forte tristeza, pois tinha uma forte intuição de que nada daria certo com Regina.

Quando voltava para casa, o dia já estava claro e a manhã era muito quente, justificando uma espécie de verão que adentrava por abril. Tive vontade de voltar a pé, mas estava tão cansado que acabei pegando um táxi. Cheguei logo à rua Alice para ter a surpresa de encontrar uma ambulância em frente à minha casa. Entrei correndo e não havia ninguém embaixo, corri para o segundo andar, onde descobri que papai tinha passado mal do coração meia hora atrás. Felizmente, era um enfarte muito leve.

Até agora nada disse a respeito de meus pais. Não há que se negar que esta situação não é costumeira para fazer as apresentações. Assim, por favor, entre nesta UTI. Aqui está papai. Ele correu, correu até chegar a este ponto. Pode passar de hoje. Certamente, passará – mas a sua sorte já está lançada. Começou de um ponto, relativamente, baixo: seus pais mal sabiam ler e ele chegou a diretor de banco e, agora, que o coração teve seus percalços, tem direito a uma das melhores clínicas cardíacas do Rio de Janeiro.

O nome de papai é Júlio César e, quando teve este primeiro problema mais sério do coração tinha [cinquenta] anos. Ele tentava ser severo, estabelecer normas e dar lições de moral a nós todos, mas havia um sério impedimento: todos nós sabíamos que neste mesmo banco, em que hoje é diretor, dera um desfalque. Felizmente, pudera repor o dinheiro e fora perdoado. Em casa todos sabíamos da história, o que fazia de papai uma criatura um pouco desmoralizada. No banco, ele também não tinha todo o poder e o respeito que gostaria de possuir. Era diretor administrativo e não cuidava das decisões financeiras, mas apenas das rotinas e das questões de pessoal. E isto tudo tornava ainda mais patético o seu amor pelas coisas militares. Não tanto pelas nossas forças armadas, que não chegava a desprezar, embora, também, não levasse em consideração. Amava os gloriosos chefes militares da história da humanidade: a começar por Aníbal, o cartaginês e, sem dúvida o próprio Júlio César, de quem tinha dois bustos, um no banco e outro em seu escritório em casa. Qualquer leitor perspicaz já deve ter percebido as razões de meu nome e de meus dois irmãos: Winston (por Churchill) e Augusto César.

A clínica em que papai se encontrava era muito boa, mas não a melhor. Certamente, tínhamos dinheiro para ficar por bastante tempo na melhor, mas o seu nome não ocorrera na hora de fazer a ligação de manhã. E foi sobre isto que ouvi minha mãe falar, tão logo ficou constatado que papai estava fora de perigo e que dormia tranquilamente. Naquela época, eu não tinha percepção tão clara de mamãe – o nome dela é Dione – quanto possuo agora, quando, ao referir-se a ela, chamo-a de Dione, a Insatisfeita. Dione, a Insatisfeita, tinha ido à clínica com um vestido bem elegante, não muito, mas talvez um pouco mais do que a situação exigia. Não poderia ter colocado calça de brim e um lenço na cabeça em vez de um vestido importado, de seda? E ela poderia, também, no meu atual entender, não fazer a comparação entre esta clínica e aquela para onde se dirigira, em uma situação muito mais grave, o marido de sua irmã.

A falar a verdade – e isto, é bom que se diga, só ocorreu porque papai melhorara – mamãe estava mais preocupada com a questão do *status* da clínica do que com a saúde de papai. E havia algo mais, e isto eu não percebia, na época. Foram anos de reflexão e de observações que me permitiram admitir que vivia sempre buscando obter a admiração e o encantamento de quem quer que estivesse ao seu lado. Em todos os casos, porém, ela não deixava de seguir a regra de preferir a atenção de pessoas de classe social ou de prestígio maiores. Assim, na clínica, ou melhor, a caminho dela, mamãe conseguira obter o encantamento do médico que fora em seguida abandonado no momento em que aparecera o titular, o qual, tendo de ausentar-se, gerou um momento em que não havia ninguém a quem minha mãe encantasse.

Está claro que Dione, a Insatisfeita tinha evidentemente muito para encantar e seduzir. Na época da primeira doença de papai, tinha [quarenta] anos e mostrava um porte extremamente jovem e um rosto que, sempre tendo sido belo – muito branca com traços finos e uma testa um pouco acentuada – assim prosseguiu até quase os sessenta anos. Meu pai também era muito vistoso, de modo que eu os poderia chamar de os senhores encantadores. Amava Júlio César e Dione, a Insatisfeita. Tenho certeza. Ele, entretanto, dava mostras de não se sentir à altura dela. Ou, talvez, fingisse isto? Não acredito: ele nunca fora capaz de fingir bem e por isto fora pego no desfalque. Mamãe, pelo contrario, era mestra no fingimento, sem dúvida seu maior talento.

Não eram estes os pensamentos que me acudiam quando estava diante de mamãe na clínica. Estava preocupado com a saúde de papai. Por ele, certamente, e pelo encontro com Regina naquela noite. Quando ouvi do médico que ele estava bem respirei aliviado e me recostei no sofá do apartamento, para onde papai iria tão logo saísse à noite da UTI. Devo ter dormido umas duas horas, quando fui acordado por Dione, a Insatisfeita, que disse que o almoço havia chegado. Denise, minha irmã, de quem falei muito pouco até agora, estava fora do Rio, assim com Winston, e os dois chegaram quando estávamos almoçando. Vieram com ares obviamente preocupados e via-se que Denise tinha chorado. Winston veio imponente, como sempre, com sua roupa de montaria, já que depois de se ter casado com a filha de um criador de cavalos descobrira um gosto por tais animais.

Estava ali a família reunida, sem papai, e eu senti algo parecido com um luto no ar. Isto não estava no rosto de ninguém, mas imaginei que, algum dia, estaríamos juntos assim, por razões mais graves e mais decididas. Vi umas manchas roxas no braço de Denise e acredito que todos viram, mas ninguém comentou. O namorado de Denise costumava bater nela por qualquer coisa e coisa nenhuma e disso ela não reclamava nunca. Winston falou das precauções que ele vivia recomendando ao papai e que nunca foram tomadas em consideração. Não me era, ainda, claro naquela época que Winston partilhava com mamãe um sentimento de superioridade em relação a papai e eu quase não tinha dúvidas de que ele era o filho preferido dela, que o considerava a sua melhor e mais bela produção.

Depois da sobremesa, houve a corrida ao telefone. Primeiro foi Denise que ligou ao seu namorado que ficara em Friburgo, contando-lhe que tudo estava bem. É claro que o assunto não era exatamente este. Ela tinha de certificar-se de que ele ficara em casa e dar uma completa justificativa para a sua descida para a cidade. Como sempre, não era agradável ouvir e ver a irmãzinha querida submissa e trêmula diante de um paspalhão, que a maltratava sempre que possível. Depois foi a vez de Winston, que falou com a esposa no tom de um porta-voz presidencial e neste mesmo tom enviou-lhe um beijo carinhoso. Enquanto isto, diante de mim, Dione, a Insatisfeita cobrava-me as horas de sono perdidas e perguntava-me pelo que estava acontecendo comigo e por que estava eu tão agitado e intranquilo. Eu decidi nada lhe dizer, mesmo que me olhasse com

amor na intensidade máxima. Pois eu já tinha percebido que o seu olhar amoroso podia variar em intensidade, como aquelas lâmpadas de resistência, e ela era capaz de acrescentar ao amor real e natural que sentia por nós algumas parcelas de teatro. Sem dúvida, era aquele um momento para expressar um amor maternal em grau superlativo.

Ninguém notara a ausência de Augusto César. Estava ele inalcançável, vivendo no mato, em Friburgo, em busca de contato mais íntimo possível com a natureza, e já se encontrava na reta final do caminho que o levou de nossa convivência. Pensei em Augusto, quando meus dois outros irmãos ficaram conversando com mamãe e uma certa paz instalou-se. Gostaria não só que ele estivesse ali com a gente, como sentia a sua presença, que sempre fora muito importante para mim. Embora mais novo que eu, tivera sempre uma ascendência sobre mim e de fato ajudava-me em minha infância e adolescência. De fato, considerava-o como meu verdadeiro irmão, um sentimento que ele retribuía sempre.

Raramente os sentimentos entre os membros de uma família deixam de ser esdrúxulos. Em relação a Augusto, sempre o senti como uma espécie de irmão mais velho, por quem tinha admiração e a quem sempre procurara em busca de proteção e até de conselhos. Ele me ajudava com os deveres, protegia-me contra a violência de alguns colegas na escola e, na adolescência, permitiu-me o conhecimento de muitas garotas que, sem o seu apoio, seriam inteiramente inacessíveis. Ele era muito amado por professores, colegas e vizinhos, e eu não me sentia mal por ser conhecido como o irmão dele e não vice-versa, como seria de esperar por eu ser mais velho. Às vezes, me entristecia o pensamento de que quando ele crescesse teria a própria vida e isto nos separaria bastante.

As minhas relações com os dois outros irmãos sempre foram bem diversas e distantes. Eu sentia a Denise menos como uma irmã e mais como uma prima. Ela não era muito mais nova do que eu, mas nunca partilhamos grandes coisas. Não que houvesse muito a nos opor. Acho até que a semelhança de nossas dificuldades impedira sempre nosso contato, já que estávamos lutando sempre para que a nossa vida se tornasse mais possível e pelos menos um pouco feliz. Desde o final da adolescência ela vivera se envolvendo com homens muito complicados e, mal se livrava de uma situação difícil, metia-se em algo pior. Começara sua longa carreira com

um homem casado, por quem teve uma paixão intensa. Exibia-se publicamente e não tomava qualquer cuidado em ralação a possíveis consequências, que não demoraram. A esposa soube logo e, depois de pressionar para que tudo terminasse, resolveu sumir com o filho. Denise achou que isto não interferiria em seu caso e acreditou que levaria a melhor. Isso não aconteceu, e lhe trouxe um sentimento de derrota que custou muito a desvanecer-se. Daí, seguiu-se um estrangeiro – dizia-se francês, mas descobriu-se que era espanhol – que prometeu-lhe casamento e desapareceu três dias antes do dia marcado, quando tudo estava pronto. Depois foi um rapaz de boa família que acabou preso como traficante de tóxicos e um escultor que Denise encontrou vestido de mulher na Vieira Souto. Todos tentamos ajudá-la, dando-lhe alguma noção de como escolher os seus amores. Todos, não: Dione, a Insatisfeita, embora obviamente não o demonstrasse, sentia algum prazer em perceber em Denise uma grande vocação para o fracasso. Papai, por sua vez, ficou muito preocupado, embora se percebesse que não desejava interferir e não sabia como ajudar. Ele tentou explicar a ela como, no seu entender, deveria agir: primeiro tinha de conhecer melhor o homem, para depois, aos poucos, ir se entregando. Eu presenciei esta conversa e acho que papai exagerou ao explicar a Denise como deveria agir, utilizando-se, para tanto, de um papel em que desenhou alguns esquemas, como se fosse um problema administrativo ou militar. Denise, a princípio, ouviu interessada. A partir de certo ponto da conversa, tornou-se agressiva, como nunca eu a tinha visto, e começou a falar sobre papai e mamãe como se o casamento deles tivesse sido um fracasso absoluto, uma tese com a qual eu nunca poderei concordar. Papai deve ter ficado ofendido, mas não retrucou. Apenas disse que lavava as mãos e que ela iria aprender com a vida.

Denise jamais aprenderá com a vida porque para ela a vida parece ser isto mesmo e não há nada para mudar. Na época do primeiro infarto de papai ela tinha arrumado um novo namorado: um rapaz que ficara manco em um acidente de automóvel e que pretendia ser escritor. Denise vivia a maior parte do tempo em sua casa no Rio ou na sua casa de fazenda em Friburgo, assistindo-o e ajudando-o. Ele a dominava inteiramente, tratando-a como uma escrava e, se foi desagradável ouvi-la falar com ele ao telefone, muito pior foram os momentos em que a vi trêmula e subserviente. Ele, que nunca se tornou escritor, fez-lhe dois filhos e depois a abandonou por uma enfermeira.

Hoje em dia, não sei direito com quem ela anda. Arrumou trabalho em uma galeria de arte, que é insuficiente para manter-se e aos filhos, e recebe ajuda de seu papai.

Falta falar de Winston, o Indigno, o Abominável. Já contei que ele é o bem-sucedido. Não o suporto e jamais suportarei. Ele é oito anos mais velho do que eu, e quando cheguei ao mundo este já lhe pertencia. Nunca entendi por que diabo meus pais fizeram-no e depois interromperam a produção de filhos por tanto tempo. Uma vez, minha mãe, abandonando sua costumeira hipocrisia, por alguma razão, confessou que achavam Winston tão perfeito que não havia necessidade de mais. Que ele seja perfeito, não tenho a menor dúvida. Desde criança soube dizer exatamente o que todos gostariam de ouvir. Aprendia com facilidade tudo o que era necessário para o êxito e desprezava os irmãos como se fossem uma gatinha. Apenas, Augusto César ameaçou-o em seu trono e Winston usava toda a sua experiência e sua inteligência para tentar apagar a presença do irmão. Descobria e, então, revelava publicamente os seus erros ou pecadilhos. Adorava denunciar a ignorância de Augusto e sempre que podia ridicularizava-o. Acho que seu momento de glória foi quando acompanhou Augusto na ambulância para a internação.

Matilde, com quem Winston já está casado há dezesseis anos, deu-lhe três filhos, que são tão exatamente horrorosos quanto o pai. Aquela casa é uma espécie de fábrica em que Winstons são fabricados em série com o mais estrito controle de qualidade. Acho que aquilo não é bem uma família, mas uma quadrilha que se dispõe a ocupar um espaço no mundo e ampliá-lo indefinidamente.

Como perfeita cúmplice, Matilde ajuda Winston em qualquer circunstância. Um dos momentos mais edificantes de seu entendimento que pude presenciar foi uma situação em que Winston foi obrigado a contar uma mentira a respeito de um dos poucos negócios em que se envolvera e que não dera certo. Isto foi numa reunião na casa de papai em que estavam outros diretores do banco. Matilde auxiliou-o perfeitamente a tornar mais plausível a mentira, em que, se eu não estivesse a par dos fatos, certamente teria acreditado. Ela, como Winston, recebe o amor e admiração de Dione, a Insatisfeita, que, sem dúvida, preferiria ter um marido como Winston em vez de meu pai. Matilde retribuiu à altura e está sempre a convidando para ajudar nas recepções e chás que prepara.

Houve dois episódios envolvendo Matilde que é importante relatar. O primeiro deu-se logo depois de seu casamento, quando tinha uns vinte e três anos. Winston havia sido convidado para visitar os Estados Unidos e combinaram que se encontrariam um mês depois de sua partida, pois ele faria a visita com o grupo de engenheiros e depois se encontrariam com ela, para continuarem por um tempo sozinhos. Neste período em que Winston estava fora, Matilde vivia lá em casa a maior parte do tempo – ela não trabalhava e nunca trabalhou – e acabou envolvendo-se com Augusto de uma forma cuja profundidade eu nunca consegui descobrir e nem fiz esforço para tanto. O que vi foi os dois abraçados e trocando um beijo de longa duração, no quintal da casa, quando já escurecia. Tenho a impressão, mas não a certeza, de que foram bem além disso, pois dois dias depois saíram para fazer compras e contaram que tinham ido a lugares onde, por acaso, soube que não tinham estado. Presumo que o sabor de vitória que Winston teve ao levar Augusto para a clínica deveu-se, em parte, a tudo isto.

O outro episódio é, sem dúvida, de menor importância. Deu-me, porém, uma compreensão de quem são Winston e Matilde. Eu estava passando um fim de semana na casa do pai de Matilde, em Petrópolis. Era um sobrado grande e muito antigo, embora extremamente bem conservado. Tão arrumado, tão limpo e tudo – pessoas, coisas, empregados e conversas – mostravam-se demasiadamente assépticos, o que, para mim, não tinha a menor graça. Havia, a cinquenta metros da casa uma laranjeira, onde eu gostava de me deixar estar no crepúsculo. De lá dava para ver o interior dos quartos do segundo andar e, num fim de tarde vi chegarem Matilde e Winston. Não dei atenção a não ser no momento em que começaram a tirar a roupa. Winston jamais se dignara a fazer qualquer referência acerca de sua vida sexual e me senti tentado a ficar assistindo ao que, provavelmente, iria acontecer. Num momento, ele se aproximou da janela e pensei que iria fechá-la. Apenas lançou o cigarro fora e dirigiu-se para a cama, onde Matilde se achava deitada, apenas com calcinha e sutiã. Pensei que iriam deitar apenas para descansar, mas, daí a instantes, estavam em plena função sexual, sem ter tirado o resto da roupa. Tudo foi feito como em uma ginástica, absolutamente sem ardor e imediatamente após terem terminado, vestiram-se e saíram do quarto. Corri, então, para a casa e fui encontrá-los já sentados na sala de estar, conversando sobre onde iriam jantar naquela noite. Sugeri um restaurante e eles, depois de discutirem a

qualidade da comida da última vez que lá tinham estado, aceitaram a ideia. Saímos os três juntos logo em seguida.

Sei que o que acabei de contar deve interferir, como tantas outras coisas, de um modo negativo na impressão que o leitor terá de mim. Embora, todos nós tenhamos um pouco de *voyeur*, ninguém gosta de admiti-lo muitas vezes nem para si mesmo. Eu até gostaria de fazer uma pequena defesa do *voyeurismo* – e por extensão da frequência de filmes pornográficos numa certa medida, mas sem excesso. Há, em primeiro lugar, a curiosidade natural que se manifesta numa forma atenuada de pendor científico: gostaríamos de ser capazes de prever a partir de características físicas e psicológicas o comportamento na relação sexual. No caso de meu irmão e Matilde, a maneira cerimoniosa com que tratam de tudo permitiria, a uma pessoa mais experiente, prever, à época, de como eu ou eles se portariam, a partir do que eu presenciei ou até de como se desempenhariam mais vestidos ainda. Em segundo lugar, muita gente – e aí me incluo – padece de certas inseguranças acerca do acerto de seu próprio comportamento e sente necessidade de frequentemente realizar levantamentos com vistas a uma comparação que nos certifique de que não estamos muito distantes do padrão médio.

Vou ter que interromper por aqui estas referências a minha família, das quais estive ausente qualquer fato da vida de Augusto César. Sobre ele há muito o que contar, o que farei a seu tempo, pois ele entrou na vida de Júlia de um modo indireto, embora muito especial.

Para alívio de todos, papai estava bem melhor ao final da tarde. Mamãe ficou com ele e cada um de nós tomou o seu rumo. Voltei para casa, e tentei dormir um pouco, o que consegui fazer até de modo excessivo. Quando acordei já eram quase dez horas e eu tinha prometido estar na casa de Regina às nove horas. Liguei para ela, que não manifestou qualquer preocupação com a minha demora, o que me decepcionou. Vesti-me e fui para a sua casa.

Levei comigo duas garrafas de vinho e, no ônibus, fui imaginando tudo o que poderia acontecer. Imaginei que ela, finalmente, aceitaria a minha investida e que me abraçaria calorosamente e me daria um beijo de longuíssima duração. Veio a imagem de ela puxando-me para o seu quarto, que afastei por implausível e preferi entregar-me a

outra, em que nos casávamos em uma linda cerimônia e trabalharíamos juntos no escritório de seu pai. Durante a viagem, conciliei-me com o direito e com o trabalho como advogado e imaginei para mim uma vida que, de fato, não era diferente daquela que levavam Winston e Matilde. Já estava me vendo com cabelos brancos cuidando dos velhos quando cheguei.

A casa estava toda iluminada, o que me desagradou. Quando caminhava pelo jardim, ouvi muitas vozes e o som de música. Era uma festa, e quando entrei na casa estava morto de raiva por ter sido iludido. Custei a achar Regina, no meio de tantos convidados, alguns deles conhecidos meus, da faculdade. Deixei as garrafas de vinho na cozinha e subi ao primeiro andar, pois conhecia a casa. Não demorei a ver que havia muita gente no quarto de Regina, onde um paspalho qualquer tocava alguma música à bossa nova. Ela, ao me ver, levantou-se e me abraçou. Mas não ficou ao meu lado, voltou ao lugar onde estava sentada e deu a mão a um rapaz, que infelizmente eu conhecia.

Tive vontade de ir embora imediatamente. Para conter-me achei melhor ir até o banheiro, onde fiquei lavando o rosto por muito tempo, à espera de um pouco de tranquilidade. Olhei-me no espelho e vi um bobo, uma pessoa que não tem condições de despertar qualquer interesse por parte de uma mulher de gosto mais apurado. Mas quem era aquele com quem Regina estava? Era Carmelo, o filho da lavadeira. Um dos poucos da turma da faculdade que vinha de uma condição social inferior e que, ao contrário dos demais, que pareciam envergonhar-se disto, não fazia nenhum segredo. Antes, usava este fato como uma espécie de distinção. Ele era bastante inteligente, mas não tinha qualquer outro atributo que me teria feito imaginá-lo como um provável rival. Além disso, ao longo dos três anos de faculdade, se o vi conversando com Regina duas ou três vezes foi muito. Fiquei no banheiro por muito tempo e, daí a pouco, batiam à porta com evidente desespero. Não me importei e fiquei examinando a ideia de me matar, para que Regina soubesse o tamanho da minha paixão. Procurei alguma coisa que servisse a este objetivo e fiquei em dúvida entre tomar o conteúdo de uma garrafa de iodo ou cortar os pulsos com uma gilete. Nunca tinha pensado em suicídio antes e desde então esta ideia jamais me ocorreu novamente. E naquela hora ela não teve duração e força suficientes e, além disso, cheguei à conclusão de que Regina não

merecia aquele gesto. Abri a porta e saí, quase vaiado pela fila de umas seis pessoas que esperavam à porta.

Tive vontade de ir embora imediatamente, sem me despedir de Regina, a quem telefonaria no dia seguinte. Antes, resolvi beber alguma coisa e dar um pulo no salão. Quando desci, a animação, que era grande, quase me tomou, mas depois de ver as pessoas e o que faziam, retornou-me a vontade de ir embora. Já estava no jardim, a caminho do portão, quando veio na minha direção uma moça linda, perto de quem Regina faria, certamente, má figura. Ela olhou para mim, deu um sorriso e eu, depois de hesitar um pouco, dei meia volta e, apressando o passo, caminhei ao seu lado. Ela me disse que não conhecia ninguém na festa e que viera convidada por sua prima, que era amiga de Regina. Nem cheguei a perguntar o seu nome e logo nos sentamos em um sofá e começamos a conversar. Ela contou-me que tinha vindo havia poucos dias da Europa e que achava tudo maravilhoso. Disse-me que era pintora e poeta e começou logo a recitar um poema que tinha escrito naquela tarde.

Agradei aos céus por terem substituído Regina por esta moça maravilhosa e já sonhando em tê-la em meus braços, convidei-a para dançar. Ela recusou, dizendo que fizera, há pouco, uma operação, que encurtara a sua perna esquerda. E daí a conversa permaneceu no plano cirúrgico, a respeito do qual eu tinha quase nada a contar, pois a única operação por que tinha passado fora da garganta. A linda jovem, ao contrário, possuía uma biografia polvilhada de estadias hospitalares e de cirurgias. Contou-me que na Europa tirara um caroço do seio direito e que antes de viajar fizera um sem-número de exames porque havia suspeita de leucemia, sobre a qual fizera um poema que me obrigou a ouvir, quando eu já estava disposto a sair correndo sem mesmo me despedir. Contive-me e, dizendo que tinha de acordar cedo no domingo para ir a um batizado, despedi-me. E tive, então, a má sorte de encontrar Regina e o seu amado à porta, abraçados e enlevados. Conduziram-me até o portão, não sem antes insistir para que eu ficasse até o final.

É isso. A minha vida tem, às vezes, a tom daqueles sonhos que beiram o pesadelo e eu temia que algo assim acontecesse agora que iria ver a Júlia em seu sítio. Achava, no entanto, que estava muito mais preparado para suportar qualquer frustração de que quando, ainda, era um jovem acadêmico. Além disso, Júlia se encontra a grande

distância de Regina e, certamente, não estaria interessada em qualquer filhinho de lavadeira. Este pensamento, entretanto, não me tranquilizou, porque fui lançado para outro, muito pior: e se Júlia estivesse envolvida com um homem muito mais interessante do que eu e também mais bem sucedido? Comecei, então, a imaginar a figura, para mim, aterrorizante do homem que, certamente, me derrotaria para sempre no coração de Júlia.

Já começava a escurecer no sábado e daí a horas estaria eu no sítio de Júlia. Assim, imaginar um provável rival não apenas não me faria bem, como me colocaria em um estado de espírito pouco recomendável para ir ter com ela. Mas que domínio possuía eu, em relação a minha mente? Pouco ou nenhum e, assim, embora eu lutasse com bastante energia, fui delineando o meu rival.

Se eu soubesse desenhar, não teria, certamente, dificuldade em delinear a sua mão firme e calorosa, que mostra a receptividade em cada aperto, e que transmite a mais completa confiança. Com esta mão, ele já nascera e os anos que se passaram apenas fizeram com que ele a desenvolvesse mais e mais. Os esportes que praticou, as portas que abriu ao longo da sua vida – imagino três anos mais do que eu – uns trinta e cinco anos. Certamente, a minha mão perder-se-ia inteiramente na dele ao primeiro aperto e eu, que mal consigo segurar firme uma cadeira, me defrontaria com alguém que é capaz de pegar o próprio mundo. Júlia deve ter se apaixonado por ele ao primeiro aperto de mão, se não antes, quando o viu pela primeira vez.

Está certo, pensei, ele me ganha no que se refere às mãos. Mas terá, também, os olhos expressivos? Aquelas mãos, obviamente, se fazem acompanhar de olhos quase bovinos, embrutecidos pela dureza dos esportes. Não quis permitir que a imaginação me entregasse os seus olhos. Foi, porém, inevitável. Lá estavam eles: com a frieza dos mocinhos do faroeste, a doçura daqueles que a vida não tornou amargo e coração e a capacidade de penetrar na alma humana dos mais atilados políticos.

Quis escapar de todas as imagens e recusei-me a pensar mais sobre aquele que perdera o lugar de meu rival – afinal o que eu poderia pretender? – tornara-se definitivamente o homem de Júlia. O que mais iria fazer no sítio do Recreio naquela noite? E eram cinco da tarde – lembro-me bem porque a esta hora, no sábado, passa o homem da pamonha de milho, com sua Variant caído aos pedaços e o seu alto-falante

vergonhosamente rouco – quando comecei a achar que não havia qualquer razão para ir ver Júlia, a não ser que o meu objetivo na vida fosse o sofrimento.

É claro que logo se desfez em minha mente a imagem do rival, que reconheci ser uma construção sem qualquer base. Mas ficou de qualquer forma a certeza de que não encontraria uma Júlia livre, pronta a atirar-se aos meus braços. E neste ponto, eu estava absolutamente certo. Como tive esta intuição, não sei, embora os indícios fossem fortes: ela nunca estava em casa à noite. Uma mulher que nunca está à noite em casa obrigatoriamente se encontra na casa de seu amor, que deve possuir um imenso calor e um enorme apelo, pois a faz abandonar o seu próprio teto, sua cama – o seu travesseiro – por outros espaços.

Por uma hora inteira fiquei pensando nas alternativas: ir ou não ir. Pensei que poderia vê-la outro dia, em uma situação mais propícia e, quem sabe, ao relembrar os episódios de nossa infância, pudesse despertar nela um sentimento que estivera soterrado por vinte anos. Saiba o leitor que, naquela época, quem estava apaixonada era ela, que admirava a minha forma, a minha inteligência e o meu perfil. Ela pedia para que eu ficasse de perfil, para que o ficasse olhando por horas e depois desenhava-o de memória. Quanto a mim, os sentimentos em relação a ela jamais chegavam a tal intensidade, que eu não entendia nem retribuía. Seguramente fora um sortilégio que desta vez atribuía-se a mim a posição de apaixonado, pois quando nos vimos, havia em seus olhos surpresa apenas. Aquele olhar apaixonado havia desaparecido.

Espero ter tornado explicáveis tantos sobressaltos e todas estas dúvidas. Se preciso for, e vejo que o é, tenho de esclarecer que não se trata de uma paixão pela Júlia de vinte anos atrás. É pela mulher que agora tem pouco mais de trinta anos. Não tenho certeza, porém, de quando é o meu coração. Algo me vem dizendo que ele nada mudou nestes vinte anos.

Estava eu à beira da decisão de não ir, quando tocou o telefone. Corri até o aparelho, mas não o atendi. Deixei-o tocar muitas e muitas vezes. Seria Júlia avisando que a reunião fora suspensa? Desligaram e daí a pouco voltaram a chamar. Deixei tocar bastante e finalmente atendi. Era meu amigo Emir que, tão bem me conhecia os hábitos que, certamente, sabia que eu estava em casa, sem disposição para atender.

Eu estava preparado para uma longa conversa, como às vezes fazíamos e acabaria contando a Emir tudo o que estava acontecendo comigo em relação a Júlia, quando me disse que estava falando do hospital, onde sua mulher seria, dentro de pouco tempo, operada com urgência.

O problema – um apêndice, provavelmente supurado – era grave. Tomei o endereço e corri para lá.

Este choque livrou-me, por momentos, dos pensamentos sobre Júlia. Voltei, porém, a pensar nela no elevador, que parou em todos os andares por alguma brincadeira de criança. Isto não me impacientou. Pude até prestar maior atenção em uma lista de moradores que formavam uma comissão para ditar as regras sobre a posse e manutenção de cães no prédio e da qual eu fazia parte. Alguém tinha riscado o final de meu nome e grafado macaco em vez de Mac Arthur. Era uma brincadeira que, às vezes, faziam comigo quando eu era garoto e que eu não vira repetida há muito tempo. Realmente tenho um corpo bastante cabeludo, mas, certamente por gentileza, as comparações têm sido, em geral, com ursos.

Na última reunião em que eu estivera com Emir e sua mulher, que se chamava Guiomar, mas era tratada por Gui, foi exatamente no dia em que eu fora escolhido para participar da comissão dos cães. O casal dava um jantar e por brincadeira espalhara para os outros amigos que era em minha homenagem, por ter sido indicado para tão importante comissão. Emir e Gui tinham dois *yorkshires* e adoravam cães e, durante a noite, foram exaustivamente discutidos os dois problemas que traziam em suspense os meus vizinhos. Primeiro: os cães podiam fazer suas necessidades nos jardins? As opiniões encontravam-se divididas, embora parecesse predominar a corrente contrária a tal prática, alegando que isto maltratava as plantas. O segundo problema dizia respeito à permissão ou não de os moradores levarem os cães de pequeno porte no elevador social, contanto que fosse no colo.

Os dois casaram-se há cinco anos e posso quase garantir que eram felizes. Trata-se, sem dúvida, de um tipo de felicidade, talvez, mais contraditória do que se pensa. Emir, que conheço faz muito tempo, é pianista, ou melhor, professor de piano, porque teria se tornado, talvez, um pianista melhor se tivesse ido para o estrangeiro, quando tinha vinte anos. Ele costuma dizer que foi por falta de coragem, mas acho que não é verdade.

Não foi por acomodação ou até por algo mais sutil. Não lhe agradava a ideia de viver em busca de concertos e de aplausos, escravizado a uma agenda e a um agente que sintetizasse perfeitamente o entendimento de questões financeiras com o gosto de música. Eu até diria que Emir é inteligente demais para aceitar máquinas deste tipo. Além disso, ele possui indiscutivelmente uma quantidade razoável de preguiça que, vista sob um ângulo, pode ser até entendida como sabedoria. Ele dá, de vez em quando, o que chama de um concertinho e procura ganhar a vida dando aulas de piano. Ganha insuficientemente e quem traz o dinheiro para casa é Gui, que também trouxe como um dote o apartamento em que os dois moram no Leme, em um prédio antigo e de frente para o mar. Esta situação não os constrange, porque, como diz Gui, não existe entre eles o homem da família. Partilham, sem problemas, do dinheiro e nem têm grandes problemas em torno de decisões sobre a casa. Já presenciei inúmeras situações em que um tomava uma decisão sem consultar o outro e tudo parecia pré-arranjado, como se houvesse uma harmonia pré-estabelecida.

Gui era psicanalista. Até este momento, nada falei sobre a psicanálise, embora ainda esteja tão em voga. Eu próprio frequentei um psicanalista por um monte de anos e quase todas as pessoas que frequentaram estas páginas o fizeram, desde que tivessem condições financeiras para tanto. O assunto é sem dúvida, importante, mas não se fala mais dele, como ninguém fica conversando sobre as aulas de natação, ou do que aconteceu quando aprendeu a andar de bicicleta ou dirigir automóvel. O fato é que Gui ganhava bastante dinheiro para os dois viverem e procurava não se matar de trabalhar.

Sobrava, assim, muito tempo para os dois, que em geral estavam juntos, conversando ou passeando. Depois de tanto tempo juntos tinham ainda longas conversas e um entendimento pouco comum.

Pelo que descrevi até agora, todos pensarão que se trata de um casal de ficção. Onde está o problema desses dois?, mil vozes interrogarão. Eu responderei que existe uma falha, a qual, segundo o ângulo em que é encarada, pode ou não sê-lo. E serei abrupto na minha indicação desta falha: Emir e Gui não têm uma vida sexual. Nada existe neste plano entre eles e também nada ocorre fora de seu casamento, posso garantir. É fato que, neste plano, não há possibilidade de garantias plenas. Entretanto,

quem os conhece como eu os conheço, sabe que, se alguma coisa ocorresse, seria claramente mencionada.

Certamente, eu não estava pensando em nada disso, quando ia à direção do hospital. Felizmente qualquer pensamento sobre a Júlia me abandonava e eu estava intrigado com um pedaço de conversa que eu, por acaso, ouvira quando no jantar mencionado em casa de Emir. Eu estava sentado na poltrona, ao lado da irmã de Gui, Lis, e destacara-me da conversa, sentindo um gostoso pilequinho. Ouvi, então uma frase de Gui ao telefone – “minha vida pode acabar a qualquer momento e a gente tem que se ver logo, logo” – que mais ecoou em mim como som do que como significado. Gui falava às vezes sobre a morte. Não de um modo filosófico ou destacado, mas com detalhes, como escapara de morrer. Uma vez estivera no meio de um tiroteio dentro de um banco em Copacabana, quando os três assaltantes foram mortos. Em outra ocasião, e isto foi um ano antes de seu casamento com Emir, sofrera um desastre de carro com mais duas amigas, a caminho de São Pedro da Aldeia. Um ônibus amassara inteiramente o carro, as duas amigas morreram e Gui escapou, quase sem ferimentos.

Todos nós sabíamos deste apego de Gui pela morte, que não chega, evidentemente, a torná-la sombria ou mórbida. Seria assim uma espécie de traço da personalidade, como há pessoas que apreciam coisas doces e outras preferem salgados. Ou, como disse um dia Emir: é como uma preferência musical. De uma pessoa educada e nada fanática que jamais pretende impor o seu gosto aos outros. Havia muito isso em Gui, que a tornava uma pessoa encantadora e pouco comum. Tratava com carinho e desapego as próprias idiossincrasias e, ao mesmo tempo, respeitava as dos outros. Eu próprio sempre tive por ela um afeto sinuoso e que tomava formas inesperadas, às vezes até sexuais. Não era nada neste caso senão uma retribuição ao que parecia luzir tão fugazmente nela: a sua sensualidade, às vezes, aparecia e desaparecia como um sorriso fugaz dirigido para um acidente engraçado no meio de uma desgraça. Tinha eu, às vezes, a vontade de seguir esse brevíssimo clarão e chegara a pensar nele algumas vezes.

Cheguei a ter a ideia de que se Gui tivesse uma vida sexual, seria uma mulher perfeita, o que é impossível, porque não existem seres humanos perfeitos. Chegara a desejar que aquele corpo tão bem aquinhado e aquele rosto que tinha tão belos traços

e olhos negros tão expressivos deixasse aparecer a sexualidade que não poderia deixar de possuir. Entretanto, desejar isto significava desejar a ruína de seu casamento com Emir. Para ele, o caminho da sexualidade estava, definitivamente, vedado. Perdera a parte mais expressiva de seus órgãos em um acidente na infância em que, vestido apenas de um leve calção, atravessara uma porta de vidro, cortando-se todo. Só soube disto tudo um ano após o seu casamento, embora já o conhecesse há mais de cinco anos. Ele, entretanto, jamais me mencionara nada, no que fora excepcionalmente hábil. Nem falava sobre uma vida sexual que não tinha, o que seria mentir, nem fazia um óbvio esforço para encobri-lo por vergonha, por exemplo. Apenas mudava de assunto, de um modo tão espontâneo, que parecia apenas seguir o rumo da conversa. Só fiquei sabendo de tudo – ou melhor, de quase tudo – quando ele me procurou uma vez, imerso em uma dose bem grande de desespero.

Isto foi quando eles ainda não tinham feito um ano de casamento. Nesses meses eu os via muito pouco, porque eles estavam quase sempre com outros casais e eu não me sentia bem em ir à sua casa só, pois o achava penoso. Para evitar tais sentimentos, ter de conseguir sempre uma companhia, acho que não os via há umas quatro ou seis semanas. Foi quando Emir ligou-me e disse que vinha me ver. Não percebi a sua preocupação e cheguei a achar bom que viesse, para que estivéssemos algum tempo juntos a conversar, coisa que não ocorria havia tempos. Quando ele chegou, vi que não estava bem. Seu rosto, em geral tranquilo, estava vincado e abatido. Seus olhos não brilhavam e estavam surpreendentemente fixos. Perguntei o que estava acontecendo e ele disse que Gui tinha sumido. Não aparecera no consultório e nem avisara aos clientes. Eu tentei acalmar Emir, mas não consegui inventar nada que pudesse tranquilizá-lo. Eram umas oito da noite e lhe propus que fossemos a hospitais, delegacias. Ele disse que já tinha visto tudo e que não havia sinal dela. Contou-me, então, sobre a vida sexual dos dois.

O que Emir temia era que sua mulher tivesse despertado sexualmente e que o abandonasse. Não tenho qualquer dúvida de que, caso ela conquistasse a sexualidade, nada mais poderia ser feito para mantê-los juntos. Emir suspeitava de que naquele dia ela estava com alguém que mudaria tudo e eu lhe perguntava se ele tinha alguma prova. Não tinha nenhum sinal ou pista, apenas esta suspeita que lhe era muito

corrosiva. Nunca a vira interessar-se por qualquer homem, mesmo ligeira ou superficialmente, o que a maioria dos maridos de hoje tomam com naturalidade e até com certo alívio. Falei-lhe, então, francamente que pequenas traições hoje tão comuns, que não destroem casamentos e, antes, podem até servir para consolidá-los. Emir respondeu que se o deles fosse um casamento comum, nada seria abalado. Entretanto, Gui poderia estar obtendo, fora, o que jamais obteve ou obterá em casa. Isto traria um desequilíbrio insuportável. Neste ponto, não soube o que dizer-lhe.

Não entendi bem porque, mas Emir sentiu necessidade, quase compulsiva, de falar sobre as dificuldades de Gui. Soube que aos dezessete anos ela descobrira que não tinha qualquer sinal de vida sexual e resolveu começar um tratamento psicanalítico. Por dez anos submetera-se a um tratamento, cujo maior resultado fora levá-la a tornar-se, também, uma terapeuta. Achava que já que não conseguira curar-se, iria fazê-lo nos outros. Contive-me por algum tempo para não pedir maiores detalhes sobre esta ausência de sexualidade, mas, vendo que Emir estava realmente disposto a falar, perguntei como era isto e ele me respondeu perguntando-me se eu achava algo de anormal em uma flor sem perfume.

Emir estava certo: Gui passara o dia com um homem, que, depois viemos a saber, por ela mesma, que se tratava de um candidato a cliente, e por quem ela se sentira muito atraída já na primeira entrevista. Ela tentara evitá-lo, recusando-lhe o tratamento, mas fora sempre aguilhada pela ideia de que ele poderia retirá-la desse seu estado de neutralidade. Ela apareceu em minha casa, duas horas depois de Emir. Tinha voltado para casa e de lá nos telefonara, pois havia um recado escrito de que deveríamos estar juntos. Quando a vi, cheguei a estremecer diante de seus cabelos desgrenhados e sua roupa desalinhada, pois nunca a vira assim. Ela nos contou tudo ali mesmo, sem constrangimento ou pejo, enquanto bebemos algumas garrafas de vinho. E eles acabaram dormindo lá em casa mesmo.

Este episódio que, sem dúvida, lhes foi penoso, assinalou realmente um reinício de nossas relações com uma intensidade que antes jamais se manifestara. Acho que os dois passaram a considerar que tinham mais a ver comigo – com a minha vida afetivamente vazia – do que com aqueles variados casais com os quais tentaram

conviver. A partir desse período, quase todo dia falava ao telefone com eles e estávamos juntos pelo menos uma vez por semana.

Gui fez outra tentativa semelhante e desta vez com um colega de seu grupo de formação psicanalítica. Foi muito menos dolorosa para Emir, desta vez, embora, tenha sido mais escandaloso. A esposa do colega de Gui foi aos jornais e acusou a instituição de formação de ser um celeiro de perversos sexuais. A história de Gui com o seu colega foi muito curta – resumiu-se numa ida a um motel, onde absolutamente nada ocorreu – enquanto os jornais não se interessaram muito, pois logo souberam que a denunciante vivia entrando e saindo de clínicas psiquiátricas.

Foi nessa época que a mãe de Gui, dona Ernesta, ganhou um casal de *yorkshires*. Emir gostou muito deles e acabou presenteado. Os cães trazem movimento e um ar festivo à casa. O tempo foi passando e a sexualidade canina aflorou. Por uma dessas coincidências os animais pareciam apreciar o sexo numa intensidade acima da média. Começaram a perturbar a vida de Emir e Gui, não apenas com o alarido como, também, por exibir fatos e eventos do que ali não se falava ou não se tratava.

Emir quis livrar-se deles, mas Gui não permitiu. Vi-os discutindo por muitos dias sobre o que fazer e estive presente na conversa em que foi tomada a decisão final. Emir colocou as coisas da seguinte maneira: ou se extirpavam dos cães as partes que causavam toda a agitação sexual ou se os devolvia a dona Ernesta. Gui, com lágrimas nos olhos, disse que não gostaria de afastar-se deles. Depois de muito choro, aceitou a alternativa cirúrgica, que foi prontamente executada.

Não pretendia demorar-me no hospital. Uma hora no máximo, imaginei. Chegando às seis, como cheguei, queria estar de volta em casa antes das oito, para mudar de roupa e ir para o sítio de Júlia. Torcia, portanto, para não haver complicações na operação.

Não detesto os hospitais nem lá me sinto mal de um modo diverso da média das pessoas. Entretanto, o hospital onde Gui se internou trouxe-me más lembranças. Foi lá que um tio internara-se para operar uma hérnia e dali saíra com uma variada *causa mortis*. E fora ali, também, que um colega do meu antigo escritório de advocacia morrera, provavelmente de uma transfusão de sangue que não lhe servia. Não era, no

entanto, um hospital de terceira categoria. Eu já ouvira várias pessoas apregoarem, para reforçar a apreciação de seu *status*, que tinham se operado lá.

Quando cheguei ao apartamento onde se achavam Emir e dona Ernesta, a operação já estava em andamento e não havia uma hora certa para terminar. Nunca eu tinha visto Emir tão intranquilo e dava pena perceber que ele não conseguia apresentar nem uma serenidade fingida. Dona Ernesta, que afora os cabelos brancos e o seu tamanho reduzido, lembrava demais Gui, também estava nervosa. Tentei acalmá-los, o que não trouxe grandes resultados. Daí a pouco eu também estava agitado, tendo absorvido dos dois o medo de que Gui sucumbisse.

Provavelmente avisado por alguma enfermeira ou atendente de que o estado dos parentes não era dos melhores, apareceu um médico disposto a tranquilizar-nos. Sua entrada foi abrupta. Era tão baixinho e mirrado que parecia um anão. Tinha, no entanto, um vozeirão e exibia um sorriso que era obviamente falso. No avental, o seu nome: Dr. Cadiota.

Disse que a operação ia muito bem e que seria demorada para garantir plenamente a assepsia, pois a supuração de apêndice podia causar graves infecções. Ele podia dizer o que bem desejasse porque tanto Emir quanto dona Ernesta ouviam sem prestar atenção. Isso os dispensou de perceber que ele dizia que uma dentre dez pessoas morrem numa operação como esta. Ele fez comparações com até atravessar a avenida Brasil ou ser assaltado à noite na avenida Atlântica, dizendo que as chances de sair-se bem da operação eram muito maiores.

Tão logo o médico-anão desapareceu, dona Ernesta começou a falar sobre os custos da operação e a fazer contas de um modo descontrolado. Emir tentou tirar de suas mãos o papel e a pequena calculadora, o que conseguiu unicamente após uma longa argumentação. Foi quando soube que o pai de Gui havia perdido quase um quarto de seu patrimônio com gastos hospitalares.

Emir achou que dona Ernesta precisava de um tranquilizante e pediu-o a uma enfermeira, que se negou a trazer sem receita médica. Tivemos, então, de enfrentar novamente o sorriso do médico-anão, que felizmente demorou-se muito pouco entre nós. Dona Ernesta tomou o comprimido e em menos de quinze minutos cochilava.

Achei que Emir também deveria tomar alguma coisa e cheguei a falar-lhe, mas recusou. Resolvemos, então, dar uma volta no jardim do hospital, enquanto dona Ernesta parecia entrar em um sono mais profundo. Em nosso passeio, sob um céu surpreendentemente estrelado, pude perceber o que nunca tinha pressentido: como Emir sentia-se frente a Gui. Deu a entender que provavelmente não continuariam juntos, de qualquer forma. Dizia que sua vida sem Gui não seria possível e que ele era a ostra e que Gui era o navio. E punha-se, então, a falar sobre o resultado da operação, quando Emir possuía a certeza que de que sua mulher morreria. Não queria ouvir qualquer argumento, começando a dizer que nada dera certo em sua vida: que fora um fracasso profissional, que não existia sexualmente. Eu lhe retruquei que ele tinha encontrado Gui, o que apenas serviu para responder-me que, por isso mesmo, iria perdê-la.

Estava difícil conversar com Emir, que fazia suceder curtos silêncios com um discurso de autocomiseração. Nunca eu o tinha visto assim, nem mesmo nas tentativas de fuga de sua mulher. Nestas ocasiões ele tivera sempre uma palavra para comentar ironicamente a situação e jamais se sentira tão absolutamente abandonado. Falou-me, então, sobre o grande risco pelo qual passamos todos na vida, que é o de encontrar o seu perfeito par. Não desejava isto para ninguém, porque, uma vez desfeito o casal, a vida perderia qualquer sentido ou sabor. Contou então que nos últimos dias estivera lendo, por acaso, sobre o conhecido e antigo costume da Índia de ter as esposas cremadas junto com seus maridos, quando estes morressem. Embora eu lhe fizesse ver que a proporção de pares perfeitos que se estenderam nas fogueiras tivesse sido ínfima, não deu qualquer importância às minhas palavras.

Voltamos ao apartamento em silêncio, apenas quebrado pela observação de Emir de que o seu número – 104 – tinha o mesmo final da sepultura de seu pai, que era 5104. Comparei, então, esta morbidez em Emir, que eu nunca tinha percebido, com a preocupação com a morte de Gui, que ele provavelmente tinha absorvido, como nos pares realmente perfeitos.

Ainda a caminho do apartamento, voltei a pensar em Júlia. Lamentei não ir ao seu encontro num bom estado de espírito. Se por acaso houvesse uma festa em seu sítio, não seria um pouco perturbador sair do hospital e ir para lá? Em meio a estes

pensamentos, ocorreu-me que não me lembrava aonde tinha posto o endereço do sítio e, ainda caminhando ao lado de Emir, puxei da carteira e procurei entre os papéis. Não estava lá. Pensei em telefonar para a casa de Júlia, mas não tinha, também, o seu telefone e não me senti à vontade procurando o número. Deixaria para quando chegasse em casa.

No apartamento tive um encontro inesperado e que não deixou de ser desagradável. Lê estava Lia, a irmã de Gui, com quem eu sempre mantive as relações mais equivocadas e mais desagradáveis. Ela estava tranquila e logo senti que a tomara uma fé de que a operação daria certo. Como sempre exibia uma beleza extasiante que, posso dizer, doía-me nos olhos.

Eu gostaria que Lia fosse menos bela e mais como Gui. Houve, entretanto, uma espécie de partilha natural entre as duas. Gui ficara com a compreensão e, embora bonita, perdera a sensualidade. Lia recebera a beleza e uma sensualidade em tal proporção que duvido não lhe pesam de alguma forma. Em contrapartida, foi-lhe reduzida ao mínimo a capacidade de reflexão. Isto não a tornara burra, pois muitas vezes era aguda e tinha uma enorme presença de espírito. É que se fixava em determinadas ideias ou opiniões e não havia jeito de demovê-la delas. Quando a conheci, um pouco antes do casamento de Gui e Emir, procurei naturalmente aproximar-me. Até hoje parece que estou a desculpar-me do que aconteceu, pois nem sei direito explicar como foi: em pouco tempo a conversa tomou outro tom e outro rumo e eu percebi que estava tentando seduzi-la. Ela me olhou com desagrado, como se eu não soubesse me comportar. O pior é que ela suscitou em mim este desejo e depois o rejeitou, fazendo-me sentir que eu não lhe interessava.

Lia trabalhava como jornalista em uma emissora de tevê. Essa atividade fazia com que se sentisse bastante acima do comum dos mortais e lhe acrescentava um ar de superioridade. Não sei como esta atividade ou não lhe foi suficiente ou, por outro motivo qualquer, a fez envolver-se em complicações, onde uma das partes era a polícia federal. Só que não me contou a história de um modo direto, atribuindo a complicação a uma amiga que fora pega passando cocaína e que, para livrá-la, precisava de uma soma bastante elevada. Lia me procurou em casa – coisa que jamais tinha feito – e contou-me uma história onde se viam nitidamente falhas lógicas e omissões, que

garantiam, juntamente com o nervosismo, que o problema era dela. Ao emprestar-lhe o dinheiro, ela me olhou com um inesquecível olhar sedutor, como se estivesse me prometendo tudo. Dois meses depois, quando me pagou, ainda manteve ao menos no momento um ar de gratidão, que logo se desfez. O pior é que eu jamais conseguia, apesar de algum esforço, esmagar o desejo que sinto por Lia. Sei que é superficial e que uma vez satisfeito logo se apagará. Entretanto, ao durar não apenas me consome quanto me coloca à mercê dela e de seus ares de rainha.

Mal eu chegara ao apartamento com Emir, Lia já começara a movimentar-se. Disse que não poderiam ficar assim sem notícias e saiu em busca de um médico. Daqui a pouco, tinha trazido consigo o Dr. Candiota e outro médico, um tipo que falava sobre a operação correndo os olhos dos seios às coxas de Lia. Este interesse de médico, que já devia ter uns cinquenta anos, mas era atlético, não desagradava Lia, que de alguma forma parecia estimulá-lo.

Quis achar esta cena engraçada e até recebi um estímulo para isto quando ouvi o médico que chamava Dr. Carmelo. Ele parecia falar de um modo que atingia Lia, estabelecendo-se entre eles uma comunicação. Não consegui entender por quê, mas Lia respeitava-o como jamais me respeitara. Havia alguma coisa de fluidos animais comandando as interações. Eu até poderia achar humorístico se não fosse excluído. Comecei a ficar até um pouco enraivecido, pensando que aquele idiota iria provavelmente possuí-la enquanto isto se tornara para mim inteiramente improvável.

Tentei desligar-me do que estava acontecendo entre Lia e os médicos e voltei-me para Emir, que parecia um pouco abobalhado e aparentemente não estava disposto a falar. Dona Ernesta estava mais tranquila e abriu um pacote de biscoitos de chocolate, comendo um atrás do outro. Achei aquele ambiente quase desagradável e lamentei não poder ir embora.

Fui até os corredores e vi que as últimas visitas se retiravam. Muitos tinham um ar alegre, o que repercutiu bem em mim. Restabeleci-me um pouco do pessimismo que Emir me transmitiu e comecei a imaginar Gui retornando da anestesia e depois recuperando-se. Ela era uma pessoa muito importante para mim e o mundo ficaria mais áspero sem ela. De longe, vi outro médico entrando no apartamento e imaginei que era

para algo importante, andei rapidamente até lá e quando abri a porta, vi satisfação nos rostos. A operação terminara e tudo corra bem.

Aliviado das preocupações com Gui e tendo a alma bastante alegre voltei ao meu apartamento e com facilidade achei o endereço do sítio de Júlia. Tudo parecia indicar sinais propícios. Cheio de certeza, parti para o Recreio dos Bandeirantes. No carro, as músicas do rádio pareciam escolhidas adequadamente, exaltando o amor em meu coração ou fazendo povoar a minha mente de esperanças. O ar marinho que batia em meu rosto reavivava em mim as energias a um ponto que eu achava que chegaria diante de Júlia com encantos absolutamente irresistíveis. Passei diante de motéis, imaginando o que seriam os nossos encontros, encantado com a ideia de acordar pela manhã tendo-a ao meu lado e dando-me bom-dia com um sorriso.

Estava exagerando nas minhas expectativas? Talvez. Entretanto, é preciso que se diga que foi naquela viagem que decidi realmente fazê-la minha esposa, custasse o que custasse. Um pouco prematuro? Seria, caso eu não a conhecesse de tantos anos atrás.

A viagem, que durou quase uma hora, foi inteiramente dedicada à ideia de desposar Júlia. Claramente, eu não estava sob a pressão das concepções burguesas. Não queria um lar, filhos e todas as vantagens e desvantagens sobrejacentes conhecidas deste arranjo. Nem pretendia aquela história de companheira, que se tornou, desde há algum tempo, um lugar-comum: uma relação mais ou menos fluida em que duas pessoas partilham os momentos de existência num plano de igualdade, permanecendo juntos enquanto os seus caminhos coincidem. Eu queria muito mais. Algo em comum com que Emir tinha conseguido com Gui, mas sem uma dependência que parecia insuportável. Eu pretendia uma estrela-guia. Acho que poucos pensam dessa maneira e mesmo não têm muita ideia do que seja. Preciso explicá-la e devo dizer que reconheço que até o momento em que ia em busca de Júlia a minha vida estava sempre cercada de uma profunda escuridão. Reconheço que sempre me devorava um morno desespero e mesmo em uma vida sem enormes problemas como a minha faltava um sinal que a tornasse menos áspera e que me fornecesse algum indício de que a felicidade não é uma mera palavra sem conteúdo. A estrela-guia é um sinal de que a vida não é uma brincadeira de mau gosto. Este sinal já me fora dado pelo meu irmão Augusto César, de

quem falei, e que fora desde o seu nascimento a única referência. Ele perdera a razão e sua partida para o hospício foi para mim o sinal de que minha vida anoitecia.

Quando cheguei e fui ao estacionamento em uma rua de terra, junto a um bom número de carros, ter-me-ia benzido, caso acreditasse neste gesto, pois sentia-me diante de uma situação onde a minha vida se resolveria. Entretanto, no jardim, pude ver a casa, que era grande e, estando bem iluminada, percebia que a construção era antiga e simples. Havia poucas pessoas do lado de fora, onde a terra estava um pouco enlameada, com esparsos pedaços gramados.

Ao ver que não conhecia ninguém quando entrei, isto não me causou nenhum aumento da timidez. Devia haver umas trinta pessoas na sala, suficientemente grande, e espalhavam-se por cantos ou então dançavam. A música, que já ouvira do lado de fora, estava muito alta para tornar possíveis conversas mais coerentes. Eu não encontrei Júlia imediatamente e, entre deixar-me estar na sala ou penetrar mais na casa, escolhi esta alternativa. Quando saí da sala em direção ao interior da casa, Júlia esbarrou em mim e, talvez por estar pouco escuro, não me reconheceu de imediato. Tive vontade de ir embora, caso ela prosseguisse sem me dizer nada. Entretanto, ela parou, olhou para mim e disse o meu nome. Apesar de tudo o que aconteceu depois entre nós, este reconhecimento ainda ecoa dentro de mim.

Júlia não me largou a noite inteira. Apresentou-me a todos os seus amigos, que ela dividia em três grupos. Havia, em primeiro lugar, os químicos, como ela. Não deu para perceber se formavam realmente um grupo tão uniforme como ela afirmou. Havia o pessoal esportivo – soube então que Júlia gostava de natação e vôlei – que obviamente era a turma mais esbelta da festa. E havia ainda um terceiro grupo, que mal circulava e que estava concentrado em um quarto, dedicado ao consumo de tóxicos. Raros, dentre os membros dos demais grupos, dirigiam-se aquele quarto.

Quando Júlia me falou que sempre tentara, em suas festas, fazer com que os três grupos se conhecessem e interagissem, sem qualquer sucesso, eu já havia percebido que as fronteiras estavam mais que demarcadas. Pareciam países diversos. Júlia circulava entre eles com a maior facilidade e pude perceber que ela mudava de forma e da maneira conforme o grupo. Essa maleabilidade me alegrou. Mal sabia que indicava um sintoma grave.

Não há muito o que relatar em relação à festa, à qual achei que faltava um certo brilho e até alguma alegria. Cheguei a sentir que as pessoas estavam ilhadas ali pela distância, e que muitas já teriam ido embora, caso isto não demandasse um longo percurso de carro. No momento em que, levado por Júlia, fui conversar com as pessoas de cada grupo, não houve ninguém que despertasse um interesse especial. Os químicos espantaram-se por não ser um deles. Os esportistas acharam um absurdo encontrar uma pessoa que não tinha jamais se interessado por qualquer esporte. O grupo do quarto dos tóxicos dirigiu-me um olhar quase sempre nebuloso e, quando recusei o que me ofereciam, não pareceram importar-se.

Em um momento em que sentei com Júlia, desligado de suas obrigações para com os convidados, contou-me que não achava a festa realmente animada, embora fosse isto mesmo: um ritual ou uma rotina que tinha de ser repetida de vez em quando para que todos não se esquecessem o que era uma festa e carregassem uma ideia errada a respeito. Ela olhava para os seus convidados como se fossem variedades diferentes de uma mesma espécie animal e tinha por eles um sentimento que me pareceu um pouco distante.

Desejei que a festa terminasse logo, certo de que poderia ficar com Júlia, que já estava sentada ao meu lado como se fôssemos um par. Realmente, a festa terminou inesperadamente com um acontecimento sem dúvida dramático. Um rapaz das redondezas, mirrado e amulatado, foi pego no interior de um dos automóveis, que não fora trancado. Não ficou claro se estivera tentando furtar alguma coisa ou simplesmente nele entrar para deixar-se estar ouvindo o rádio e vivendo um ambiente inacessível. Foi pego por dois rapazes do grupo esportivo, que lhe deram uma surra, e, sangrando, arrastado para o jardim. Formou-se um clima de linchamento e alguém saiu em busca de uma corda para amarrar o garoto em uma árvore. Enquanto isso, alguns sopapos lhe foram dados. Ao meu lado, Júlia olhava tudo com certa indiferença, dizendo-me que os meninos da redondeza tinham de receber algumas lições porque viviam fazendo pequenos furtos. Por iniciativa de duas moças, a ideia de amarrá-lo foi abandonada, deixaram-no ir.

Este episódio, que deve ter ocorrido pelas três ou três e meia da manhã, deu uma conclusão à festa, e em pouco tempo todos os convidados já se tinham ido. Os poucos

que ficaram ainda – os do quarto enfumaçado – demoraram-se um pouco mais e, quando o último carro ia partindo, chegou

O que é que vou fazer com este material não sei. Não sei...não sei....não sei...nem me arrepender consegui ainda... quem sabe amanhã...

OUTRA VERSÃO:

Segundo antigos padrões, possuo uma experiência no campo matrimonial que pode ser considerada ampla. Foram três casamentos. Sei que, se formos bastante elásticos no que é chamado casamento, muita gente já teve mais de quatro. No entanto, os meus foram tão únicos e especiais, que dificilmente terei fôlego para outros. Mas o que resultou deles não posso ainda avaliar. Sei que toda vez que surge outra oportunidade, comporto-me de um modo que torna impossível um novo relacionamento.

Não pretendia ser tão pessoal entrando em detalhes sobre a minha vida. Mas se resolvi escrever, devo algumas explicações sobre como cheguei ao ponto em que hoje me encontro. Os casamentos fazem parte das explicações. Há outra razão bastante importante, que contarei adiante, embora se reporte a um acontecimento do meu primeiro matrimônio.

Em geral, tem sido um costume literário deixar ao leitor o julgamento final sobre os fatos. O que irei contar, porém, já viera acompanhado de um julgamento: casei-me com uma mulher que era um monstro. Realmente, ela não é diferente de outras a não ser no exagerado cuidado com a sua identidade pessoal. Ela nunca fez nenhum segredo acerca disso. Desde o primeiro dia, quando me impediu de colocar açúcar em seu cafezinho, fez questão de dizer que se aquele encontro tivesse continuidade, deveríamos manter sempre uma fronteira bem demarcada entre nós. A partir daí, quase todos os movimentos que eu fazia em direção a ela corriam o risco de serem acusados de invasão. Às vezes, eu percebia que havia um pouco de humor nas acusações, e a coisa tornava-se divertida. Ela, nos primeiros dias, reclamava que um beijo iniciado inocentemente se tornava profuso em movimentos da língua e em salivação. Ela dizia que eu avançava o sinal. Se em um abraço as minhas mãos tomavam o corpo dela como um terreno livre de afagos e de exploração tátil, lá vinha outra reclamação. Não pensem, porém, que ela era o que se chama de reprimida sexualmente. Quando eu fazia o que ela, às vezes, chamava de avançar o sinal e ela aceitava a coisa, o

desenlace físico parecia o encontro de dois eletrodos e a temperatura alcançada era altíssima.

Esta incandescência não era tão frequente. Mais comuns eram as nossas discussões. Outra acusação que ela fazia bem comumente era de que eu atribuía a ela determinados desejos em certos momentos, que não correspondiam à realidade. A sua ideia acerca de desejos era de que sabia exatamente o que queria não apenas em geral, mas também a cada momento. E não admitia que eu pretendesse despertar o seu desejo. Confesso que nunca havia percebido claramente antes que muitas vezes agia no sentido de despertar o desejo da outra pessoa. Para ela fazer isto com uma pessoa era crime.

Se o leitor usar um pouco da sua imaginação, estendendo este padrão de comportamento a múltiplas situações, inferirá facilmente que eu me encontrava diante de uma chata.

O pior era que este aspecto encontrava-se em uma pessoa que em outros aspectos era realmente fascinante. Possuía uma inteligência brutal que não poucas vezes me ofuscava.
